SERMÕES

PREGADOS PELO

PADRE H. CAMPOS

NA

MATRIZ DE JUIZ DE FORA

POR OCCASIÃO DAS ENDOENÇAS EM 1888

JUIZ DE FORA
TYP. D'*O PHAROL* — RUA DIREITA N. 33
1888

SERMÃO

PRÉGADO PELO

PADRE HYPPOLITO CAMPOS

NA

EGREJA MATRIZ DE JUIZ DE FORA

5º Passo—DOMINGA DA PAIXÃO

Tolle, tolle, crucifige eum.

Fóra, fóra com Elle, crucifica-o.

(JOAN. 29—15).

Meus carissimos irmãos,

Nas precedentes domingas temos meditado sobre diversos passos da Paixão de nosso divino Redemptor. Vimos sua tristeza de morte e suor de sangue, a traição de Judas e sua prisão no Jardim das Oliveiras; a flagellação, coroação de espinhos e outros opprobrios, no pretorio de Pilatos: hoje vos venho falar sobre a ingratidão que contém estas palavras do meu texto: tolle, tolle, crucifige eum.

Pilatos impellido pelos brados de sua consciencia procurou livrar a Jesus; queria, porém, faze-lo de modo a não perder as boas graças dos seus inimigos; julgou conseguir seu intento

apresentando-o ao povo no mais lastimoso estado, para o que mandou açouta-lo, o que se fez da maneira mais barbara e cruel. servindo assim sómente esta inexplicavel compaixão do fraco juiz para augmentar as penas e opprobrios do innocentissimo Jesus. Coberto de sangue, todo chagado, mostrando os ossos e as entranhas, coroado de espinhos, vestido de esfarrapada purpura, jí não tendo fórma humana - ego sum vermis et non homo—,foi mostrado ao povo. Não sabia o presidente romano que um abysmo chama outro abysmo, e que a resistencia á graça de Deus traz o endurecimento do coração: - tolle, tolle, crucifige eum—eis a resposta desse povo instigado pelos Pontifices e Phariseus!

Mas que crime commetteu esse homem, cuja humilda le no meio de tão inauditos soffrimentos, longe de despertar a commiseração, que espera o juiz alcançar mostrando-o ao povo, faz ouvir este gr to de indignação e de morte: tolle, tolle, crucifige eum? Que crime commetteu?

Amou M. J., e é da parte dos que amou victima da mais monstruosa ingratidão. Eis o assumpto do meu discurso.

Respice, quaesumus, Domine, super hanc familiam tuam, pro qua Dominus noster Jesus Christus non dubitavit manibus tradi nocentium et crucis subire tormentum. Qui tecum, etc.

O' Deus! volvei vossos olhos sobre esta vossa fam lia, pela qual N. S. J. C. não duvidou entregar-se nas mãos dos seus inimigos e soffrer os tormentos da cruz.

Jesus Christo, M. J. amou seus discipulos. No Evangelho os chama pelos nomes mais tocantes e ternos: não são servos, mas amigos.

Amou a Judas. Este infeliz não foi um monstro toda a sua vida: tinha qualidades naturaes de prudencia e reserva que seriam da maior importancia para o ministerio da salvação das almas e governo da egreja. Jesus o amou, e lhe deu, apesar das sinistras prophecias que pesavam sobre o seu destino sem acorrentar a liberdade de sua alma,—um cargo de confiança Era elle que recebia as esmolas,das quaes tirava o collegio apostolico sua subsistancia; era elle que tinha em suas mãos a vida da pequena porção que por toda a parte acompanhava o Salvador em suas predicas, e nas diversas peregrinações do seu zelo. Ninguem lhe pedia conta de sua administração, e o mesmo divino Mestre lhe não revelava senão com muita doçura e discripção os laivos dessa avareza sempre crescente, que devia mais tarde perder ao discipulo infiel. Até o fim Judas foi amado: *usque in finem etc.*

Jesus amou a Pedro. A impetuosidade de sua fé lhe mereceu a maior das honras,—a de ser collocado á testa do collegio Apostolico, a de governar a Egreja, e representar a pessôa e auctoridade do Mestre. Jesus quer que em tudo se mostre Pedro o primeiro e afim de não se

poder duvidar do posto supremo que occupa, um dia, depois de uma solemne confissão de fé do Apostolo, o salvador lhe prediz seus futuros destinos: « tu és Pedro, lhe diz, e sobre esta Pedra edificarei a minha Egreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ella. Eu te darei as chaves do Reino dos Céos, tudo que ligares na terra será ligado no céo; tudo que desligares na terra será desligado no céo. »

Jesus amou a João e aos outros discipulos. Os chamou de uma condição baixa e desacreditada para sua sancta companhia. Com paternal solicitude velava sobre elles; aos seus amigos pedia para elles a hospitalidade, para elles multiplicava miraculosamente os pães. Chegou a incommodar-se com seu somno: piedosas tradições nos dizem que se levantava de noite para visitar os aposentos onde se achavam acommodados, e com geitosa mão erguia suas cabeças, agasalhava-os melhor para resguarda-los do frio e não os deixava sem primeiro os abençoar. O amago de sua doutrina, a explicação dos divinos decretos, que occultava a todo o mundo, eram para elles. Deu-lhes o poder dos milagres, prometteu-lhes distincto logar no reino dos céos, onde sentariam sobre doze thronos para julgar as doze tribus de Israel.

Jesus amou ao povo. Este povo era o seu Povo, o sangue de Abraham, de Izaac e de

Jacob, que viera salvar em primeiro logar. Como triumphador podia percorrer o mundo, recebendo ovações e applausos; mas Israel é o herdeiro das promessas divinas. Cidadão desse pequeno paiz despresado, mas que contem, todavia, as esperanças do universo, durante sua vida mortal, quer que sua obra, que mais tarde deve-se estender por todo o mundo, seja uma obra de patriota. Ama ao povo, ao verdadeiro povo: os espiritos ingenuos e nobres, os corações sinceros, que as hypocrisias do pharisaismo e as falsas interpretações da lei não tem ainda corrompido. E' a este povo que ensina a doutrina de seu Pae celeste. Para elle se faz pequeno e sua magestosa e sublime palavra se humilha sob as vestes das mais simples parabolas. Juncto ás portas da synagoga, no meio dos campos, na encosta dos montes, na praia dos mares, á beira das estradas, prodigalisa seus discursos a estes pobres e ignorantes. Quando se dirige aos Phariseus, aos Escribas e aos doutores, é sempre ao povo que tem em vista, e a multiplicação dos seus prodigios tem por alvo principal não a confusão dos espiritos soberbos, mas o toque aos corações rectos, derramando assim o bem sobre todas as miserias humanas.

Jesus tendo amado com um amor terno, profundo, constante, bemfazejo, tinha direito a

fiel e devotado reconhecimento; em logar, porém, da gratidão, o que recebeu? Traição, apostasia, abandono, revolta.

O traidor é Judas. Sabendo que os Phariseus invejosos e irritados tramam contra seu Mestre, vae encontra-los. Que quereis me dar, lhes diz, e eu vo-lo entregarei? Promettem trinta dinheiros. Trinta dinheiros! e é bastante para satisfazer sua cubiça. Conhecendo o logar solitario, onde Jesus costumava a retirar-se para orar, para lá conduz os soldados do principe dos sacerdotes O doce olhar da victima, ultima vocação de sua ternura, não commove aquelle coração endurecido « Aquelle, a quem eu oscular, dizia, é elle, prendei-o, » e com o osculo, symbolo de paz e de amor, rompe o sagrado pacto da paz e do amor!

O apostata é Pedro. As promessas que tinha feito, as advertencias de seu Mestre não detem este discipulo temerario e pusilanime na quéda do maior dos crimes. Ousa jurar não conhecer Aquelle, a quem havia proclamado Filho de Deus vivo, e a quem hypothecara sua fidelidade sob pena de morte. Jura, não num tribunal, não sob a espada do guerreiro, mas deante de uma criada, sob a censura de uma porteira! Mentiroso até o perjurio, fraco até a abjecção.

Os desertores sem coração são os discipulos

que Jesus tinha honrado com sua companhia e tractado com ternura paternal. Desde que o tocam, o abandonam; emquanto é julgado, se occultam. A seu Pae, a seu melhor amigo recusam o testemunho juridico que teria, talvez, abafado o odio do Sanhedrim!

O revoltado, cuja bocca não se abre senão para ultrajar e maldizer, é o povo. Num momento esquece os beneficios que recebera e seus hozanas. O propheta, o thaumaturgo, o Filho de David, o sancto que queria coroar e acclamar como a um triumphador, não é mais, a seus olhos, que um blasphemo, um seductor, um rebelde: repelle sua auctoridade: *nolumus hunc regnare super nós;* um scelerado lhe é preferido: *non hunc sed Barrabim;* pede seu sangue e sua morte: *crucifigatur.*

« Que licções severas, exclama um orador sagrado, que licções severas apresenta aos seculos a situação de Jesus Christo deante dos tribunaes e das auctoridades do seu paiz! Este homem que desafiava seus inimigos para descobrirem em toda a sua vida uma só infracção da lei; que não commetteu uma imprudencia, nem provocou um só desar, não achou quem o defendesse!... O cantico de gratidão, que uma mãe entoara nas portas de Naim, recebendo vivo em seus braços o filho que ella mesma conduzia ao tumulo,

ainda retumbava em toda Judéa; e o filho desta mulher não se apresentou para protestar contra a oppressão de seu bemfeitor!... As lagrymas ardentes da amisade reanimaram o cadaver de um cidadão respeitavel, que dormia no sepulchro havia quatro dias seu somno de ferro; e Jesus Christo não viu a seu lado um amigo, que lembrasse sua generosidade, suas virtudes civicas, e a sanctidade de seus costumes!... Milhares de homens tinham visto a Jesus Christo evadir-se ao ardor daquelles que queriam acclama-lo rei; e nem um appareceu para attestar este rasgo heroico de fidelidade!... A ingratidão e a insensibilidade ganharam todos os corações; e aquelles mesmos que Jesus Christo arrancara ás enfermidades e ás dores engrossavam o numero dos que pediam sua morte»: *tolle, tolle, crucifige eum!...*

Mas, M. J. quem condemnou, a Jesus?

Judas se arrepende, e declara ter peccado entregando o sangue do justo; as testemunhas se contradizem, nada provam contra elle; o povo o estimava, o recebia com hosanas, vivas e acclamações; os pontifices declararam altamente não terem direito de o condemnar; Pilatos publica sua innocencia; Herodes contenta-se com despreza lo. Quem condemnou a Jesus? Até a

mulher de Pilatos pede-lhe que se não comprometta com a condemnação do justo.

Este magistrado lava publicamente as mãos, e protesta não querer derramar o sangue innocente; não profere sentença, apenas o entrega a vontade dos inimigos. Quem, pois condenou a Jesus?

Ah! foi o Eterno Pae, foi elle que do alto do céo lavrou a sentença. Foi ferido, foi humilhado pelo mesmo Deus por causa das nossas culpas: *propter scelus populi mei percussi eum.* Eis porque com tanta bondade e amor abraça essa cruz que vae carregar sobre seus hombros até o monte Calvario. Eis porque nem o demasiado peso desse madeiro, nem sua grande debilidade pelo suor de sangue, agonia e flagellação, nem o lastimoso estado dos seus delicados hombros tão contundidos e esfolados que não sabia sobre qual levaria a cruz; nem a corôa de espinhos, cujas pontas penetravam cada vez mais com as pancadas da cruz, nem a escabrosidade e altura do monte, nem seu cansaço pela ida e volta aos diversos tribunaes, nem a tunica que lhe embaraçava os passos, nem o sangue que correndo da cabeça sobre seus olhos lhe perturbava a vista, o fazem hesitar, um momento sequer, deante desse lenho que continha o peso das iniquidades de 40 seculos até esse dia, e dos seculos futuros, de sua morte até o fim dos tempos!

Eis ahi porque com tanta humildade e resignação abraça essa cruz que leva em seus hombros até o calvario, onde vae consummar a grande obra da nossa redempção: *Et bajulans sibi crucem exivit in eum qui dicitur calvariæ locum.*

Nem mais uma palavra!

Apparecei, meu Jesus! nós queremos vos adorar e bemdizer, apparecei!...

Ah! Senhor, a que extremo vos levou vosso amantissimo coração! que fineza de amôr!... Como vos vejo abatido e humilhado!... Oh! meu Deus! que differença da visão de Izaias! Que é da magestade divina em excelso throno ouvindo o incessante canto dos Serafins — sancto sancto, sancto?! Que é do dilecto do Thabor, o amado do Jordão?!... a luz do mundo!.. Perdoae, Senhor, perdoae nossos peccados, nossa monstruosa ingratidão, pela vossa cruz, pela vossa infinita misericordia. Amen.

SERMÃO

PRÉGADO PELO

PADRE HIPPOLYTO CAMPOS

NA

EGREJA MATRIZ DE JUIZ DE FORA

SOLEDADE

O vos omnes, qui transitis per viam, attendite et videte si est dolor sicut dolor meus.

(THRENOS, CAP. I V. 12.)

Meus carissimos irmãos,

A multidão grosseira de judeus e gentios não interrompera a maravilhosa procissão, que hoje comemorámos: como o refluxo do mar, ha muito se havia ella retirado da collina sagrada.

Os terremotos já tinham serenado um grande numero de corações que a possessão diabolica tornara insensatos.

Jerusalem, a populosa Jerusalem, tinha muito que pensar sobre si mesma, porque em suas ruas tinha havido tambem procissões, estranhas procissões, proprias para fazer os homens fecharem se em suas casas falando baixo e

pensando em Deus. Os tremores de terra, abrindo as sepulturas, d'ellas despertaram os hospedes; e, como esses preludios impacientes, que nos indicam de ante-mão uma obra divina, havia em Jerusalem uma resurreição extemporanea. Uma nuvem de tristeza envolvia todos os corações. Os mortos tinham caminhado. Os antigos mortos da Judéa, os defunctos de remotas gerações tinham percorrido a cidade, e tinham sido visto em grande numero com seus semblantes magestosos e ameaçadores, e terrivelmente eloqüentes no seu silencio.

Para a alma de muitos a lembrança desse dia estava suspensa como a fria lousa do sepulchro; para outros, era um fogo activo e abrazador, precursor de uma graça de conversão.

Os homens, assombrados, abatidos, acabrunhados por um terror divino, mostravam em seus semblantes a turbação e tristeza que lhes iam n'alma. O inferno, que na manhã deste dia tinha accendido um vulcão por entre a multidão d'aquelle povo, extinguira suas chammas; e em muitos corações a natureza humana, tão violentamente transtornada, apenas podia retomar seu logar.

Do lado da cidade não havia, pois, interrupção a temer-se. Jerusalem se contristava sobre si mesma como o passaro solitario sobre o ninho

que mão cruel deixou vasio e, no seu pasmo e asssombro, mysterioso presentimento parecia lhe fazer ouvir os echos medonhos das trombetas de Tito nos montes da Judéa Entretanto, como a fera que se aquieta junta á presa, a cidade deicida parecia repousar depois da barbara e laboriosa immolação de sua victima.

O religioso prestito, que andara lenta e silenciosamente, como a noite em seu curso, era chegado ao termo de sua piedosa procisssão! Estavam no Jardim d'Arimathéa. Os argenteos raios da lua pascal, que baixava no occidente como pallida luz escapada do coração de Maria, tornavam toda esta scena de piedade profundamente triste e tristemente bella. O silencio da noite, o brando scintillar das estrellas, as sombras dos arvoredos do Jardim, o murmurio das fontes, o ciciar das casuarinas, tudo parecia convidar o coração a profundas meditações.

A amisade havia embalsamado o corpo de Jesus Christo, a amisade lhe offereceu um tumulo. Este tumulo de d'Arimathéa ia ser para J. C. o que os braços do outro José tantas vezes tinham sido — seu logar de repouso nos momentos em que Maria o deixava. N'aquelle tempo, porém, jámais houve separação como esta.

A Mãe de Deus entrou no sepulchro com José d'Arimathéa, com este dedicado amigo do Salvador: foi a companhia que escolhera. Com

suas proprias mãos tudo dispõe: a sacrosanta cabeça, os braços, os pés do Redemptor, são ahi collocados do melhor modo, e com toda reverencia e amor. Concerta e ajusta a mortalha, beija e colloca juntos ao corpo alguns instrumentos da paixão Em seus actos não se notam hesitações e tardanças inuteis, signaes de fraqueza e afflições ordinarias: tudo faz com actividade, ordem e silencio . . .

Mas o tumulo ia se fechar, approximava-se o momento da separação. Ainda uma vez levanta a mortalha para observar se algum desarranjo se havia dado no santo cadaver. / Como estaria pallido, visto a frouxa luz dos archotes o corpo de Jesus!

Desfigurada aquella face que fazia a alegria e ventura de seus amigos!

Fechados aquelles olhos, cuja vista tinha convertido a Pedro! Cerrados aquelles labios que havia pouco proferiam na cruz sete mysteriosas palavras, cujos sons ainda repercutiam nos ouvidos de Maria! . . .

Deixando cahir lentamente a mortalha, prostra-se por terra, e pela ultima vez adora esse corpo inanimado Cerre-se a pedra do sepulchro e desapparece da vista de sua Mãe!

« Simeão Simeão! vem ver o complemento de tua sinistra prophecia! Vem ver como são

penetrantes os golpes que rasgam o coração d'esta Mãi!...

Não! eu não posso sobreviver á morte de meu filho, axclama o velho Patriarcha de Betel, inundando com seu pranto a tunica ensanguentada de José: eu não tenho bastante força para soffrer tão grande perda.

Job, o mais justo dos homens, vio em um só dia desapparecer sua gloria e sua consideração Elle abençoou o Eterno, que o despojara de todos os seus bens; vio tranquillo a mão da enfermidade abrir ulceras cancerosas em sua carne, mirrar seus ossos, seccar sua pelle; mas sua alma se enlutou, elle dilacerou seus vestidos, lançou-se por terra, e pareceu duvidar de sua constancia quando lhe foi noticiada a morte de seus filhos, dos quaes, assim, se viu forçado a separar-se.

Respha deitada junta aos cadavares de seus filhos entregues á vingança dos Gabbaonitas, parecia esquecer suas penas, prestando lhes todos os seus cuidados. Mas como devia ser cruel o instante em que esta desventurada mãi vio dissipadas suas mais agradaveis illusões e procurou em vão os restos ensanguentados d'estes filhos, cuja presença encantava suas desditas!

Vêde como se quebram, vêde como se despedaçam os corações destes dous amigos, a quem Nazares crueis forçam a privar se de

seus mutuos abraços! Como são ardentes, mas quanto são amargas estas lagrimas, que a saudade abriga a derramar! David e Jonathas não se pódem separar: o pranto inunda suas faces, a mais acerba dor opprime seus corações e um véo de tristeza indescriptivel parece cahir, como negra mortalha sobre estas almas tão generosas!»

Entretanto, M. J., nenhuma angustia tão terrivel, nenhuma desgraça tão inteiramente sobrehuma, como a que nesta hora relembramos haviam desolado racional creatura.

Ha neste valle de lagrimas muitos derradeiros olhares, amiudadas scenas de custosa separação. Muitos tumulos se fecham sobre mundos de esperança e de amor, sepultando as vezes muito mais vida do sobrevivente do que aquella que a morte arrebatou ao hospede de suas moradas. Mas, dor alguma jámais se approxima da de Maria. E' unica, é sem egual porque aquella que chora e aquelle que é chorado são egualmente incomparaveis.

Talvez em nenhuma das dores da Mãi de Deus se encontre um momento isolado, que pela accumulação e intensidade dos soffrimentos possa ser comparado com este. Se achava viuva e desemparada em condições inauditas.

Que são, na verdade, um pai, uma mãi, uma esposa, um filho comparados com um Deus encarnado? Ficar sem pai, sem mãi, sem esposa

sem filho, são expressões bem tristes; mas como será comparada sua comprehensão ordinaria com esta afflicção, para a qual não ha expressão real? Uma alma sem Christo é simplesmente o paganismo, e o inferno; para Maria para a propria Mãi de Christo, o ficar sem Christo, e durante a noite que segue a um tal dia, — oh! esta afflicção se estende diante de nós na escuridão, como o mar durante a noite.

Eis o que sabemos!

Termino aqui.

Nós somos a causa de tão duro soffrimento!

Sejam nossos corações compungidos com este lamento de dôr e saudade, que a mais amorosa das mãis nos faz hoje ouvir na descida do Calvario e na solidão do Cenaculo: porque me abondonaes! Meu Deus, meu Deus!

O' soledade! ó abandono! ó angustia! ó dôr! Esta mulher forte, que ouvira sem turbação a mais terrivel das prophecias; que não se queixara quando na Rua da Amargura encontrou se com seu divino Filho todo desfigurado e opprimido sob o peso de enorme cruz; que não proferira um só lamento vendo este bemdito Fructo de suas entranhas morrer como a execração da humanidade nos mais atrozes supplicios, e no mais infame dos patibulos: esta Virgem pacientissima, esta creatura tão conformada com a vontade de Deus; agora, nesta soledade, neste isolamento,

faz suas as palavras deste Filho nos ultimos momentos de sua vida terrestre: *Deus, Deus meus, ut quid dereliquisti me?*

Ella sabe que o divino Redemptor é não sómente seu Filho, mas tambem seu Deus e Creador: entretanto, M. J., (cousa singular!) a lembrança de Deus que nos consola e fortifica em todos os males deste mundo; a lembrança de Deus que enxuga as lagrymas do pobre e attribulado, que consola os orphãos e desamparados; este Ser Supremo e Bemdito, que a propria alma do impio lembra e invoca quando a desgraça é seria: a lembrança de Deus nesta noite memoravel é para Maria causa principal de sua dor: quanto mais pensa em Deus, tanto mais d'ella se afasta toda consolação: cresce a saudade, augmenta o pranto, e ninguem a pode consolar: *Plorans ploravit in nocte, non est qui consoletur eam.*

Filhos da Cruz, Almas remidas com o sangue do Cordeiro Immaculado! levai gravadas em vossos corações catholicos estas palavras, que Maria hoje repete com a mais justa razão: Meu Deus, meu Deus, para que me abandonais! Não esqueçais os gemidos de vossa Mãi: *Gemitus matris tuæ ne obliviscaris.*

Viajores para a Eternidade, quando a tentação vier; quando na estreita vereda do Céo vos assaltarem com suas illusões e ciladas os inimigos

de vossas almas — o mundo, o diabo e a carne; quando vossos corações se sentirem inclinados para o largo caminho da perdição, para o desprezo e infracção das leis de Deus, e de sua Egreja; lembrai-vos do preço de vossas almas, — a paixão e morte de um Deus e as dores incomparaveis de Maria; e esta lembrança vos fará firmes na vossa fé, e fieis na observancia dos preceitos evangelicos; vos recordará vossa origem, vossa dignidade, vosso destino immortal; vos fará felizes na vida, felizes na morte, felizes na eternidade.

Mãi de Deus! antes de nos separarmos de vossa devotissima Imagem dos Dores, permitti que vos façamos uma mesquinha offerenda, mas a unica que nesta hora quereis acceitar: nós vos offerecemos nossos corações.

A Santa Egreja vos chama Estrella da manhã —*Stella matutina.* Vós sois a estrella da madrugada, sim, a *Lucifer* bemdita, que no mar das desgraças, em que nos perde o desvario das paixões, primeiro nos appareceis no escuro orisonte das consciencia, docemente nos inclinando para a luz da verdade, para a aurora de melhores dias; vós sois ainda a estrella da noite, a *Vesper* de misericordia, que nas trevas do nosso espirito, nessa triste noite, em que o peccado sepulta nossas almas, d'ellas afugentando o Sol da Justiça, pairais supplicante diante de Deus, e propicia vos

mostrais aos miseros peccadores, entre as nuvens terriveis trevas da morte; vós sois, emfim, nossa alegria na primavera da vida, nosso amparo e conforto nas provanças do mundo, nosso refugio e arrimo na hora da morte. Oh! bemdita sejais! Quanto vos devemos SS. Mãi de Deus! Maldito o peccado que vos causou tantas penas, e renova vossos pezares e tristezas. Nós o detestamos, nós o detestamos nós amaldiçoamos a hora, em que tivemos a desgraça de o commetter. Intercedei por nós, ó Mãi dos peccadores, por vossa clemencia por vossa compaixão, por vossa grande misericordia. Amen.